

Texto: Sérgio Neo
Ilustrações: Rafael Limaverde

Um menino pé de quê?



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
*Secretaria da Educação
Secretaria da Cultura*

Fortaleza - Ceará - 2010

Copyright © 2010 Sérgio Neo
Ilustrador: Rafael Limaverde

Governador
Cid Ferreira Gomes

Vice-Governador
Francisco José Pinheiro

Secretária da Educação
Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

Secretário Adjunto
Maurício Holanda Maia

Coordenadora de Cooperação com os Municípios
Márcia Oliveira Cavalcante Campos

Orientadora da Célula de Programas e Projetos Estaduais
Lucidalva Pereira Bacelar

Organização e Coordenação Editorial
Kelsen Bravos da Silva

Preparação de Originais
Lidiane Maria Gomes Moura

Projeto, Diagramação e Coordenação Gráfica
Daniel Díaz

Revisão
Marta Maria Braide Lima

Conselho Editorial
Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda
Leniza Romero Frota Quinderé
Marta Maria Braide Lima
Isabel Sofia Mascarenhas de Abreu Ponte
Sammya Santos Araújo
Vânia Maria Chaves de Castro
Élder Sales

Catálogo e Normalização
Gabriela Alves Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C387m

Ceará. Secretaria da Educação.

Um menino pé de que? / Sérgio Néo; ilustrações de Rafael Limaverde. – Fortaleza:
SEDUC, 2010.

24p.; il. - (Coleção PAIC Prosa Poesia)

ISBN: 978-85-62362-87-3

1. Literatura infanto-juvenil. I. Título.

CDD 028.5
CDU 087.5



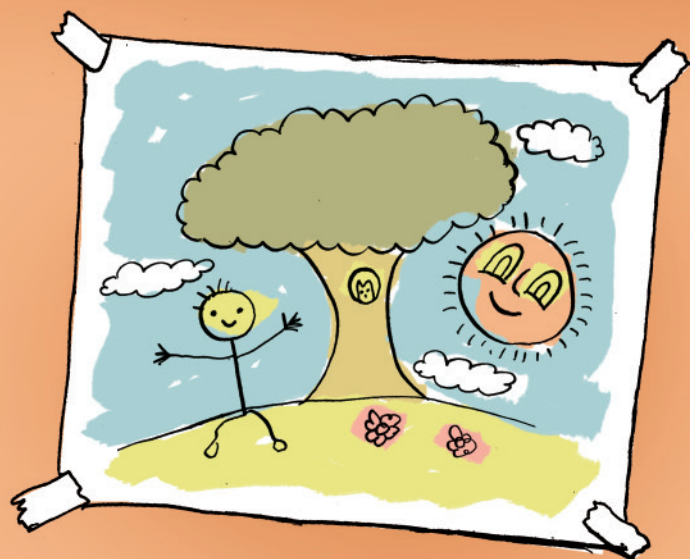
A Cláudia Soares, minha companheira e apoio,
A Luiz Furtado, que nunca comeu caroço de frutas,
A Fátima Limaverde, que me permitiu ser criança.



Dizem de um menino que sempre comia fruta com caroço. Todos diziam para não fazer aquilo, pois poderia nascer uma planta em sua barriga. Acreditar em Mula-sem-cabeça, Lobisomem e Saci tudo bem, mas, em nascer uma planta dentro da barriga era demais. Ele não acreditava, primeiro porque em sua barriga não tinha areia, depois, já havia aprendido na escola que para uma semente germinar, necessita também de água e sol. Água tudo bem, bebia todo dia, mas luz do sol? Como entraria luz do sol em sua barriga? Não podia ser verdade. E continuava a comer fruta com caroço.

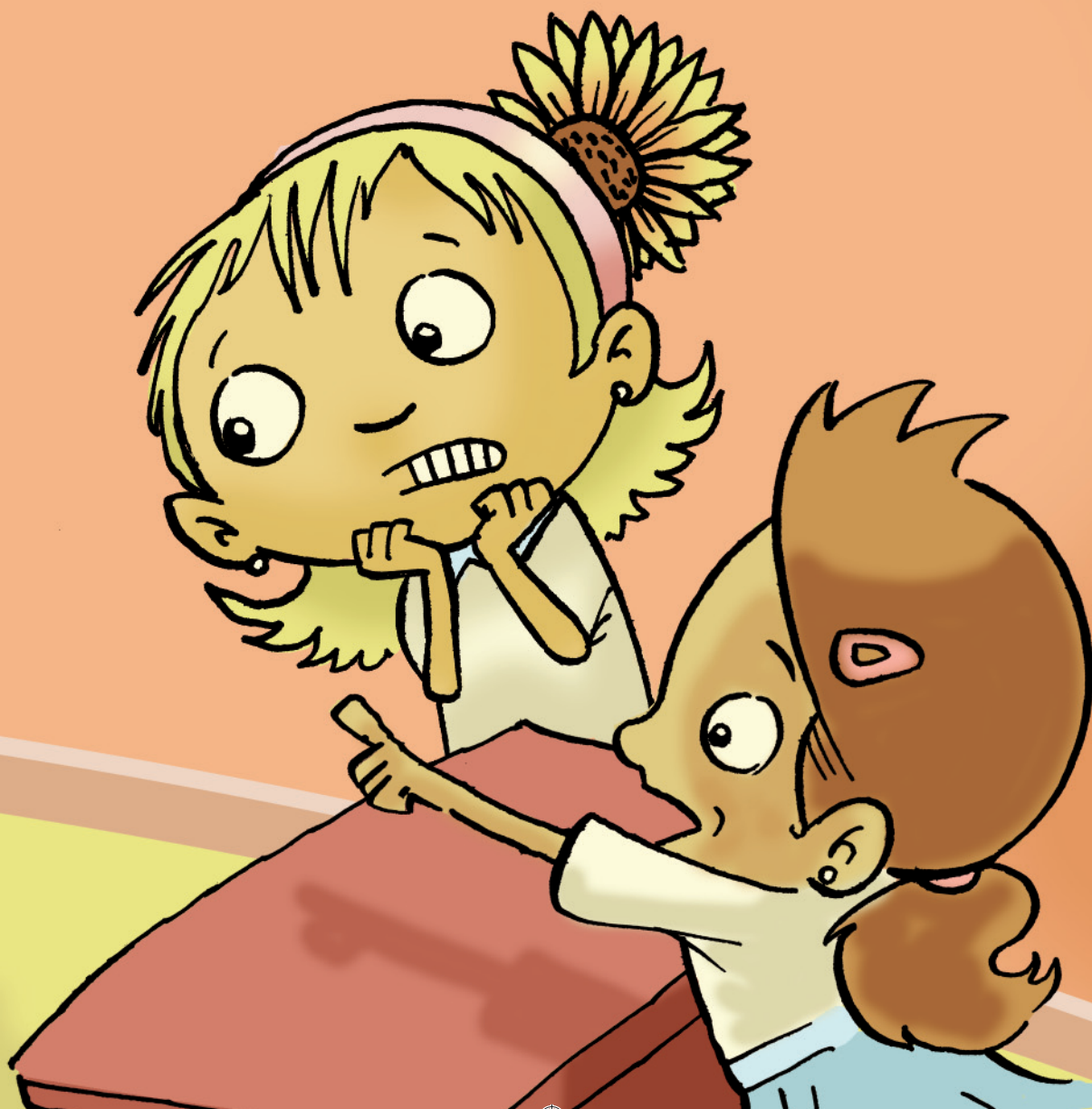
Um dia, quer dizer, uma noite, sentiu uma coisa estranha na barriga. Não deveria ser nada demais. Logo pela manhã, sentiu cócegas no nariz, também não deu muita atenção. Mas, enquanto escovava os dentes, viu uma folhinha saindo de seu nariz, de repente, outra no ouvido. “Estava se transformando em planta”. Ficou com medo. Seria uma planta muito grande, como uma mangueira, e não poderia mais andar com tanto peso? Aos poucos se acalmou, lembrou que nunca havia engolido um caroço de manga.





Disse à mãe que não poderia ir à escola daquela maneira. Ela pegou uma tesoura e cortou todas as folhinhas, podia ir para escola aliviado.

No meio da aula, uma folhinha saiu de seu ouvido, de repente, outra do nariz. Quando os colegas perceberam, foi um espanto geral. A professora sem saber o que fazer, suspendeu a aula.





Ao chegar à casa, cortou novamente todas as folhinhas, mas à noite elas voltaram a crescer. Pela manhã, ele as cortou e voltaram a nascer durante a aula. E assim continuou, quanto mais ele cortava, mais elas nasciam, até que ele percebeu que não adiantava e acostumou-se em ser um menino-árvore.







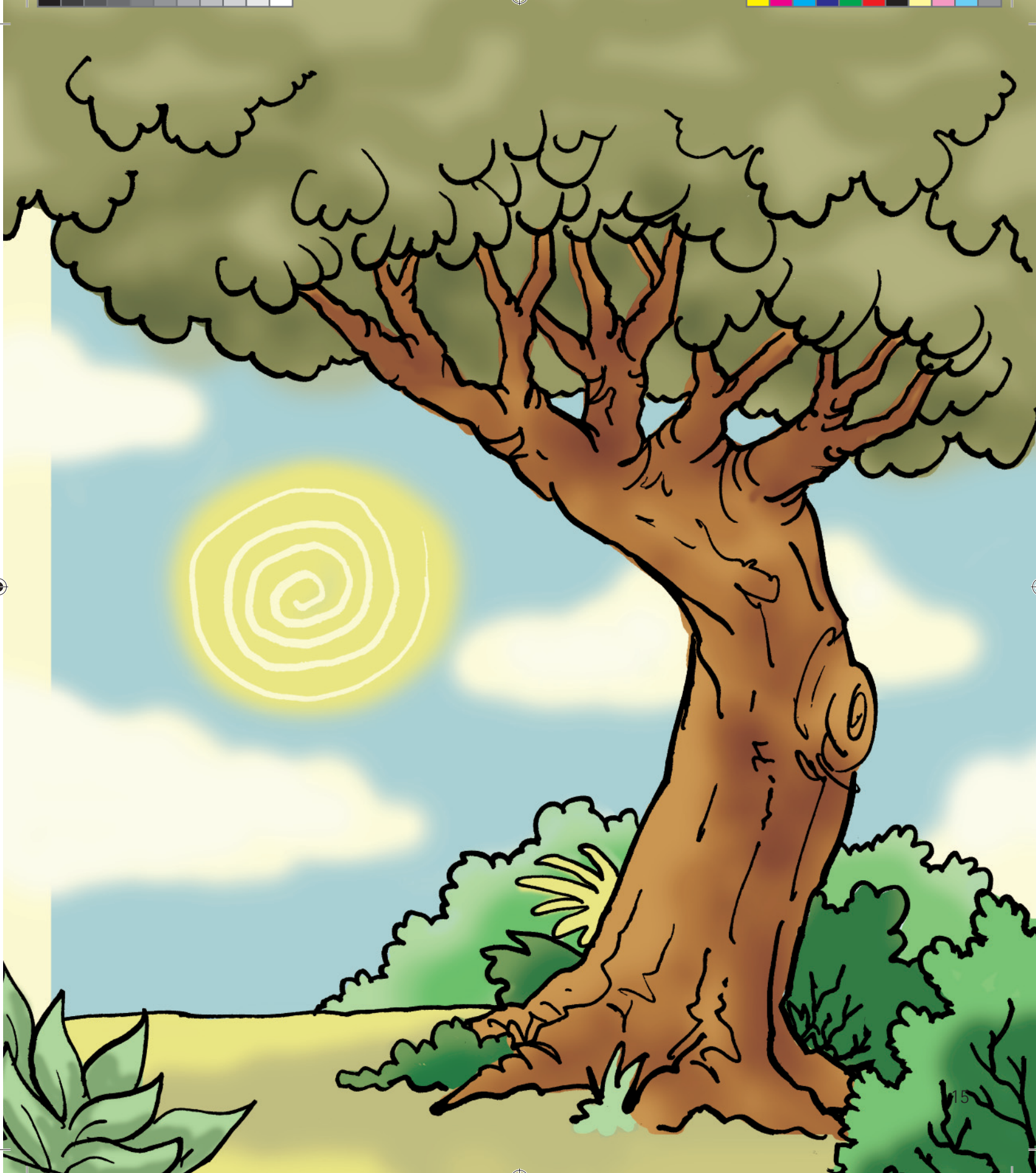


Todos os alunos de sua escola quiseram uma árvore na barriga. Um engoliu sementes, não nasceu nada. Disseram que faltou a areia. Outro comeu sementes e depois engoliu um punhado de areia, não nasceu nada também. Falaram que ele deveria ter comido a areia antes das sementes. O terceiro comeu areia e depois engoliu várias sementes, mesmo assim, ainda não nasceu nada. Fizeram de tudo, mas nenhum conseguiu. Disseram que era um truque, ele não era um menino-árvore, no máximo, podia ser um menino-vaso.



Quando andava pelas ruas, juntavam-se curiosos para admirá-lo ou perguntar: “Um menino pé de quê?” Por isso, preferia brincar com as árvores do quintal, onde aprendeu a silenciosa língua das árvores, o arvorês, quem lhe ensinou foi o velho cajueiro. Ainda descobriu como se ouve um pé de couve, viu a face da alface, mas o mais engraçado que achou foi conhecer a árvore padeiro que produzia a fruta-pão.





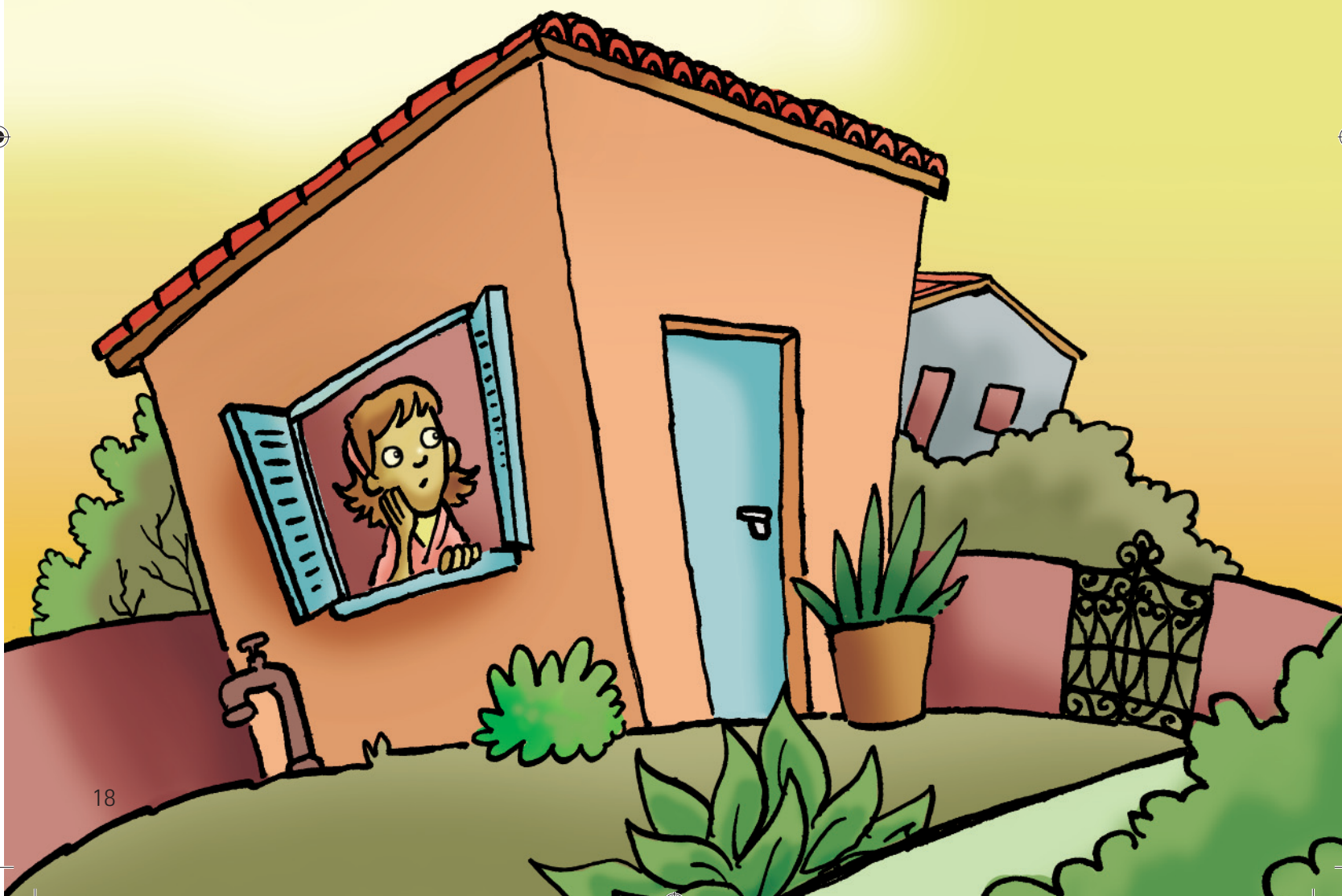




Dizem que teve até uma planta que se apaixonou por ele, mas eu não sei qual foi. Às vezes dormia em pé, ali mesmo no quintal, como árvore. Sua mãe tinha medo que ele virasse apenas árvore e ficasse parado para sempre.



Também aprendeu o idioma dos
passarinhos, o passarinhês. Em seus galhos,
pousavam vários pássaros para lhe contar
histórias de muito longe e de muito alto.







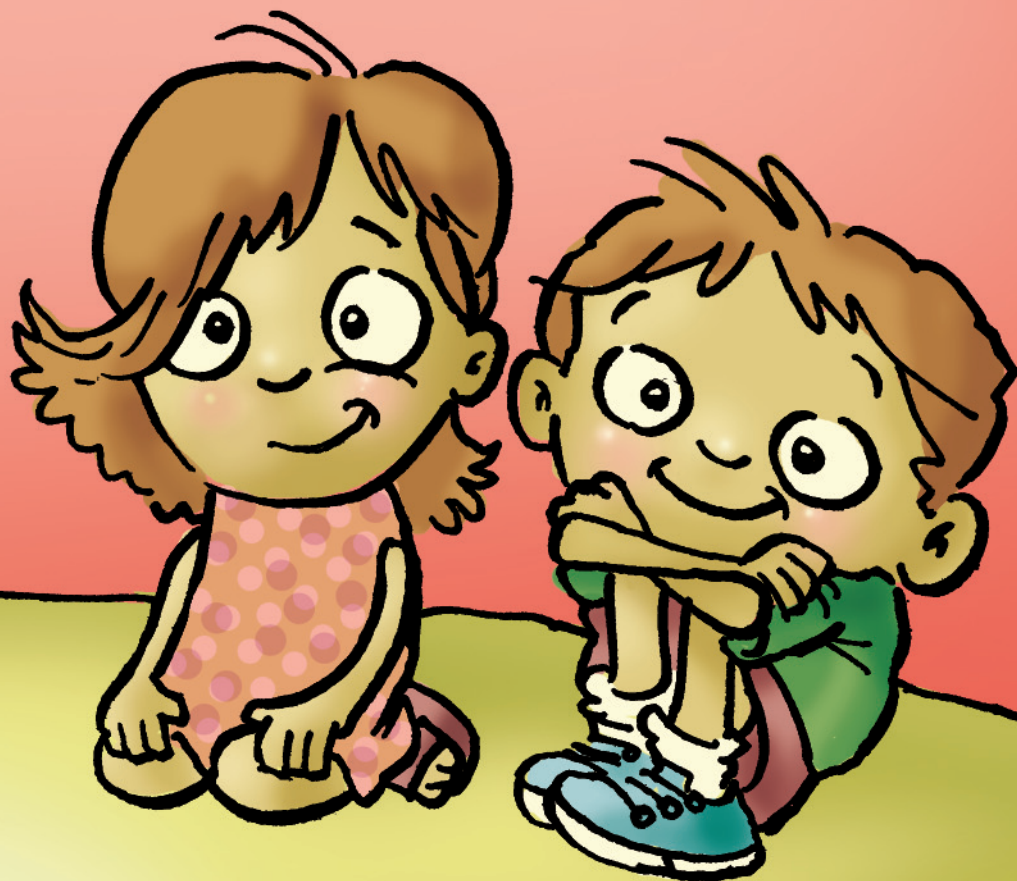


Mas, da noite para o dia, o menino cresceu e perdeu a fantasia. A árvore derrubou todas as suas folhas, de uma por uma, secou e morreu.





Agora, muito tempo já se passou, ele não é mais menino, já é vovô. E conta esta história a seus netinhos cheio de saudades, porque saudade é bicho difícil de morrer. Os meninos adoram a história, mas não acreditam muito, porque já ouviram falar de minotauro, metade homem e metade touro, também de centauro, metade homem e metade cavalo. Mas metade menino, metade árvore nunca. E continuam comendo frutas com caroço.





Sérgio Neo

Nasceu em Fortaleza em 30 de julho de 1975. É formado em Letras e trabalha como professor de língua portuguesa. Participou de duas coleções anteriores do PAIC com os livros 'João Peixe e o Cavalo Marinho' e 'Algodão-doce doce'.



Rafael Limaverde

Sou meio menino, meio gente grande, comedozim de rapadura e açaí, que gosta de Poesia, de banho de chuva, de pintar pelas paredes, de pipa, de abraço e beijo, de passarinho cantando livre e tantas outras coisas... Mas tem uma coisa que gosto de verdade. Ler! Deitar na minha redinha velha e ler até o sono chegar. De ver o mundo através do olhar do escritor, de viajar em seu mundo, dividir suas aventuras, medos e alegrias. Gosto de ver como, aos poucos, as palavras dos livros vão ficando amigas das minhas palavras e aí ganho um montão delas. E ter montão de palavras é ter também conhecimento, emoções e ternura. E aí, como meu barato, desde miúdo, é desenho, na medida em que vou lendo já vou desenhando tudo na cabeça! As palavras então ganham forma, cores, detalhes, texturas, altura, largura... Então é só juntar um montão de tinta e colocar tudo no papel. E fico muito, muito feliz por ter tido, desde sempre, muito livro e papel pertinho de mim. Quisera eu que todas as crianças do mundo (e de todas as galáxias!) tivessem o direito simples e precioso de poder ler um livro e pintar suas histórias. E é assim que quero pintar o mundo! Com infância, cores, poesia e alegria. Um abraço apertado a todas as crianças (grandes e pequenas).
www.ilustrasrafael.blogspot.com